



FOI BONITA A FESTA QUE VIRÁ
Longa vida ao Yuyachkani!

FUE HERMOSA LA FIESTA QUE VENDRÁ
¡Viva Yuyachkani!

IT WAS BEAUTIFUL THE PARTY THAT WILL COME
Long life Yuyachkani!

Silvana Garcia¹

Resumo

Há dez anos, para marcar seu quadragésimo aniversário, o Grupo Cultural Yuyachkani promoveu um seminário internacional e comemorou pelas ruas de Lima com um lindo cortejo performático. A autora deste artigo esteve presente e acompanhou todas as atividades promovidas pelo grupo. Esse testemunho foi publicado na ocasião e está aqui reproduzido.

Palavras-chave: teatro de grupo, teatro latino-americano, teatro peruano

Resumen

Hace diez años, con motivo de su cuadragésimo aniversario, el Grupo Cultural Yuyachkani realizó un seminario internacional y lo celebró en las calles de Lima con un hermoso desfile performativo. La autora de este artículo estuvo presente y siguió todas las actividades promovidas por el grupo. Este testimonio fue publicado en aquel momento y está reproducido aquí.

Palabras clave: teatro de grupo, teatro latinoamericano, teatro peruano

Abstract

Ten years ago, to mark its fortieth anniversary, Grupo Cultural Yuyachkani held an International Seminar and celebrated on the streets of Lima with a beautiful performance parade. The author of this article was present, and followed all the activities promoted by the group. This testimony was published at the time and is reproduced here.

Keywords: group theater, Latin American theater, Peruvian theater.

¹ Professora da EAD - Escola de Arte Dramática, da Universidade de São Paulo; pesquisadora, diretora de teatro, dramaturga e dramaturgista; diretora do coletivo Lasnoias & Cia; autora dos livros **Teatro da Militância** (São Paulo: Perspectiva/Edusp), **As Trombetas de Jericó. Teatro das Vanguardas Históricas** (São Paulo: Hucitec) e **Territórios e Paisagens. Estudos sobre Teatro** (São Paulo: Giostri).

Nas trajetórias pessoais, quando completamos 50 anos, visualizamos nossa história já indelevelmente escrita e, então, temos a convicção de saber quem somos. Verificamos a coerência de nossas ações, os erros e os acertos de escolhas que nos moldaram, confrontamos o projeto de vida com aquilo que realmente realizamos e compreendemos finalmente, com mais definição, a matéria de que somos feitos. É preciso que o tempo nos atravessasse para que possamos reconhecer-nos nessa identidade, em forma e conteúdo; o tempo nos constitui.

Com um grupo de teatro, no entanto, os cinquenta anos não trazem surpresas ou grandes descobertas porque indagar quem se é faz parte cotidiana da pavimentação de sua trajetória, que se constrói pela força de um coletivo. As crises, os impasses, as perdas, somadas às conquistas, à superação das dificuldades, aos novos encontros são o cimento que sedimenta e fortalece o grupo, que lhe dão ossatura. Por fim, o encontro com o público é a sempre repetida prova de fogo da maturidade artística do grupo, em toda a sua dimensão criadora, ética e política.

No teatro, só chega aos cinquenta anos quem manteve em sua história registrada a coerência de propósito, a firmeza de princípios, a aceitação de desafios e a disposição de se reinventar a cada crise ou novo processo. Esse é o caso do Yuyachkani. Nós o reconhecemos hoje, mesmo não sendo o mesmo, como o conhecemos há dez, vinte ou quarenta anos. Há nele algo de sólido que se expande no ar.

Há uma década, os Yuyas prepararam uma grande comemoração. Lá estive e documentei minha presença com o texto que reproduzo abaixo. Um olhar atencioso ao programa do evento desvenda ali muitos dos preceitos que orientam o grupo. Em primeiro lugar, um sentido de coletivo que vai além do próprio grupo e que o leva a agregar os pares, a compartilhar e multiplicar as experiências artísticas; ele sabe fortalecer-se na convivência com o outro e dar-se generosamente. Revela-se também a amplitude latino-americana de seu território: ser peruano é pertencer ao continente e reconhecer no outro o laço fraterno e o comprometimento político. Esse engajamento consolida-se no compromisso com a história e a memória, a de seu próprio povo e a de sua extensão latino-americana, o que dá sentido e forma ao teatro que realizam. Ali estão registradas, também, a potência de suas performances e a força de seus atores e atrizes que, mesmo profundamente cravados no coletivo, preservam seus próprios territórios de pesquisa e criação.

No final, tudo converge e explode na festa coletiva: o gosto pelo lúdico, a celebração pelo canto e a dança, a alegria contagiante que atravessa os portões da simpática casa sede e se estende pelas ruas, lugar ao qual o Yuyachkani pertence muito naturalmente. Na parada em sua homenagem, o respeito e o compadrio de muitos outros coletivos, de todas as partes do Peru, dão testemunho de que laços e raízes são profundos nessa comunidade de brincantes.

Na finalização de mais um decênio, talvez a festa não seja possível. Vivemos tempos de recolhimento, de resistência e de virtualidades, nem sempre potentes ou alimentadoras. Mas isso é temporário, sabemos. No que concerne ao Yuyachkani, seja por compromisso atávico com os ritos celebratórios, seja por necessidade de responder às urgências presentes, tenho certeza de que logo promoverão novos intercâmbios, novos entroncamentos criativos, coroados sempre por um ato efusivo de confraternização. Longa vida aos Yuyas!

Os 40 anos de Yuyachkani²

Criado em 1971, o grupo peruano Yuyachkani completou em julho último quarenta anos de existência, o que lhe garante um lugar entre os coletivos mais longevos em produção continuada no contexto latino-americano. Para comemorar a data, o grupo organizou uma semana de atividades em sua casa-sede, em Magdalena del Mar, na cidade de Lima. A programação combinou performances, demonstrações de trabalho e mesas de debates, cumprindo com o objetivo de criar um ambiente de reflexão sem descontinuidade entre teoria e prática.

Yuyachkani quer dizer em quéchua “estou pensando, estou recordando”. Esses dois motes – pensar e recordar – têm um sentido vivo para o grupo e representam com fidedignidade o caminho artístico e militante que escolheu para si. O tema da memória é central em várias produções do grupo, e encontra uma síntese no espetáculo *Sin titulo. Tecnica mista*, que abriu o encontro em Lima. A peça, no repertório do grupo desde 2004, foi reencenada em 2011 para coincidir com a campanha eleitoral para a presidência do país. Aludindo à desastrosa participação do Peru na Guerra do Pacífico, no último quarto do século XIX, mas ressoando a realidade peruana de hoje, a peça realiza-se como uma complexa instalação cênica, assemelhada a um depósito de acervo de museu de história. Sua

² Publicado originalmente em **A[I]berto – Revista da SP Escola de Teatro**, nº 1, Primavera 2011, pp. 139-143.

dramaturgia cênica é constituída pela colagem de diversos textos, de constituintes propriamente dramáticos até o uso das paredes como suporte para a transcrição de registros e depoimentos. Ao longo de duas horas, os espectadores passeiam pelo grande galpão, sendo interpelados pelos atores que, em solo ou em pequenos conjuntos, dão vida às evocações de memória às quais remete o ambiente. A ação cênica não pretende realizar uma revisão da história, mas valer-se do passado para alcançar a história recente; embora os motivos sejam pungentes, o espetáculo se apropria frequentemente da linguagem da sátira e da ironia para tratar dos jogos do poder: das presepadas “patrioteiras” da professora autoritária à representação por meio de bonecos – uma das marcas do grupo – de figuras criminosas da política recente do Peru, como o ex-presidente Alberto Fujimori, seu assessor Vladimiro Montesinos, e Abimael Guzmán, líder da organização guerrilheira Sendero Luminoso³.

Representações e memória foi também a proposição central do evento “Diálogos”, que reuniu estudiosos para tratar do tema, desdobrado em questões lançadas ao debate, ao longo de quatro dias: como pensar hoje as representações estéticas e artísticas à luz das dinâmicas das representações sociais da atualidade? Qual o lugar do corpo nas cenas do acontecer contemporâneo? Qual a relação entre representações sociais, direitos humanos e políticas da memória? Em que pensamos quando falamos de memória? Esse segmento do encontro teve participação curatorial da CIELA – Cátedra Itinerante de la Escena Latinoamericana e contou com a presença dos pesquisadores José Antonio Sánchez (Espanha), Jorge Dubatti (Argentina), Beatriz Rizk (Colômbia/ USA), Ileana Dieguez (Cuba/ México), Rodolfo Suárez (México), Alicia del Campo (Chile), Silvana Garcia (Brasil), Luis Peirano (Peru) e Carlos Cuevas (Peru).

A jornada diária do encontro incluiu ainda a apresentação de performances e demonstrações de processos de trabalho, que foram debatidos pelos pesquisadores já mencionados, com a participação da plateia. Fizeram parte do programa os *performers* Elizabeth Lino (*La última reina*, Peru), Violeta Luna (*Apuntes sobre la frontera*, México/USA), Rodolfo Rodrigues (*Falcão de ouro*, Peru), e o coletivo Cuaderno de Anatomia (*Experiencias da carne*, Peru); demonstraram processo de trabalho Ana Correa (Yuyachkani, Peru) e Carlos Simioni (Lume, Brasil). Um outro segmento da programação

³ Desenvolvi um pouco mais a análise dessa peça em outro artigo, Feito no Peru, escrito à época e republicado em meu livro **Territórios e paisagens. Estudos sobre teatro** (São Paulo: Giostri, 2017, pp. 103-110).

foi dedicado à exibição de processos de trabalho documentados em vídeo: Rolf Abderhalden (Mapa Teatro, Colômbia) exibiu um documentário sobre a festividade popular que deu nome e inspirou a obra *Los santos inocentes*; Ileana Dieguez apresentou e comentou vídeo sobre o *performer* chicano Guillermo Gomez Peña; Rosa Luisa Marquez (Porto Rico) expôs as bases de seu trabalho pedagógico em teatro-educação, e Héctor Bourges (Teatro Ojo, México), falou sobre *Estado falido*, projeto que valeu ao grupo o prêmio de melhor obra em arquitetura teatral e espaço performático, na Quadrienal de Praga de 2011. Em simetria com o espetáculo que abriu a semana, o grupo Yuyachkani apresentou ainda uma *ação cênica* – um trabalho em processo – que teve por título *Con-cierto olvido*, uma colagem de fragmentos de textos e canções por meio dos quais cada um dos artistas procurou propor uma síntese de sua trajetória no coletivo. Como fecho da programação, houve o lançamento de dois livros: *Repensar a dramaturgia. Errancia y transformación*, de José Antonio Sánchez⁴, e *Raices y semillas, maestros y caminos del teatro en América Latina*, de Miguel Rubio Zapata⁵, diretor artístico do Yuyachkani.

O lado festivo e público da comemoração do aniversário do grupo aconteceu na Plaza Mayor, no centro de Lima, ao entardecer da terça-feira, dia 19 de julho, quando o Yuyachkani promoveu uma parada liderada pelos artistas do grupo e seguida por um cortejo de brincantes, muitos deles vindos de cidades próximas à capital. Foram cerca de trezentos participantes, somados os integrantes dos grupos de teatro e das *comparsas* (blocos de danças e folguedos), assistidos por centenas de espectadores. A festa foi dedicada pelos aniversariantes ao centenário de José Maria Arguedas, etnólogo e escritor peruano, fonte de inspiração para o grupo.

A festa em praça pública serve à perfeição para representar o lugar que o Yuyachkani ocupa no panorama da produção artística de seu país. Como Arguedas, sempre defendeu seu compromisso com a cultura andina, representada pelas populações rurais e indígenas, fonte de inspiração e tema constante de suas realizações artísticas. A popularidade e o respeito que lhe foram tributados por todos os presentes no *pasacalle* da Plaza Mayor reflete o ativismo consequente do grupo, manifesto em vários momentos cruciais da vida política do Peru, como

⁴ Murcia, Centro Párraga/Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, 2011.

⁵ Lima, Grupo Cultural Yuyachkani, 2011.

quando contribuiu com sua presença e suas performances durante o longo processo das audiências públicas promovidas pela Comissão de Verdade e Reconciliação⁶.

A trajetória do Yuyachkani é exemplo de ética, participação cidadã e competência artística, e a semana de festividades por seu aniversário revela uma vez mais a coerência do grupo pela reafirmação dos compromissos assumidos desde seu início. Como sintetiza a atriz do grupo, Ana Correa: “que a experiência do teatro nos permita ser simplesmente melhores seres humanos, que toda experiência estética ou intelectual tenha sentido pelo modo como expressa e modifica o nosso modo de estar na vida”⁷.

Recebido em novembro de 2020.

Aprovado em fevereiro de 2021.

Publicado em abril de 2021.

⁶ Foi essa comissão, coordenada pelas Nações Unidas, que passou a limpo duas décadas (1980-2000) de confronto entre as forças do Estado e a guerrilha, e cujo lamentável saldo de cerca de 70 mil mortos ocorreu principalmente entre as populações camponesas das zonas rurais do país.

⁷ *Apud* Ileana Dieguez, Escenarios liminales. Donde se cruzan el arte y la vida, programa do espetáculo **Sin título. Técnica mista**, Lima, 2004.